

O PRIMO BASÍLIO

Eça de Queirós

Jorge e Luísa são casados há três anos. Moram num sobrado herdado dos pais de Jorge. Este é engenheiro de minas numa repartição pública. Não é rico, mas pode dar à esposa uma vida bastante confortável. Luísa passa os dias lendo romances água-com-açúcar e colunas sociais dos jornais. É atendida por duas empregadas. Juliana é a criada de dentro, ou seja, a arrumadeira. Joana é a cozinheira. A vida cômoda da patroa, desperta em Juliana rancores e inveja. Aos domingos, recebem os amigos para uma reunião social. Comparecem: Sebastião, Julião, Ernestinho, Conselheiro Acácio e D. Felicidade.

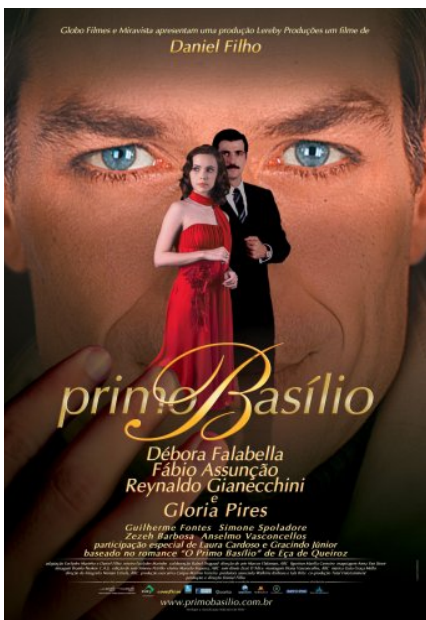
Jorge é obrigado a viajar para o Alentejo para inspecionar umas minas. Luísa vê-se pela primeira vez só, depois do casamento. Curiosa com as histórias e fofocas eróticas da amiga Leopoldina, Luísa deixa-se seduzir por seu primo Basílio, de quem foi namorada na juventude. Os dois encontram-se num quatinho, que passam a idealizar chamando de Paraíso.

Juliana vigiava as atitudes da patroa, pretendendo obter algum dinheiro para a velhice através da chantagem. Acaba roubando algumas cartas comprometedoras da patroa e exige seiscentos mil-réis para devolvê-las. Luísa desespera-se e pretende fugir com Basílio, mas este escapa do compromisso, alegando que basta pagar o que a empregada pede. Luísa recusa sua ajuda. Basílio volta para Paris, depois de forjar um telegrama chamando-o com urgência. Luísa não consegue o dinheiro e passa a atender a todos os pedidos de Juliana.

Com a volta de Jorge, Juliana exige de Luísa muitos benefícios. Luísa chega a fazer as tarefas da empregada para que Jorge nada descubra. Não suportando mais as exigências de Juliana, depois de ter mandado Joana embora, porque esta batera na chantagista, Luísa pede ajuda a Sebastião. Este manda Jorge e Luísa ao teatro e vai ao encontro de Juliana acompanhado de um policial. Depois de ameaçar a empregada com a prisão, consegue de volta as cartas. Juliana fica nervosa e morre do coração.

Apesar de livre da chantagem, Luísa fica doente. Enquanto está acamada, chega uma carta de Basílio, que é entregue a Jorge, que acaba descobrindo todo o romance da esposa. Não suportando o silêncio e aproveitando-se da recuperação de Luísa, Jorge acaba mostrando a carta. Luísa desmaia, não conseguindo mais recuperar-se. Nem mesmo o perdão de Jorge pode curar Luísa, que acaba morrendo. Jorge muda-se para a casa de Sebastião.

Basílio volta a Lisboa. Ao procurar Luísa, descobre que Luísa morreu. Conversa com o visconde Reinaldo, que superficialmente lamenta a morte da amante do amigo e aproveita para criticar a falta de gosto da moça. Basílio, entretanto, mostra seu desdém ao lamentar que se soubesse que estaria sem amante em Lisboa, teria trazido Alphonsine.



ESTRUTURA DA OBRA

A) FOCO NARRATIVO: O romance é narrado em terceira pessoa. O narrador é onisciente. Ele move-se de maneira lenta pelo cenário, descrevendo detalhes mínimos de objetos ou vestuário, colocando o leitor dentro da cena de maneira realista. Esse apego à minúcia é outra marca queirosiana, que não pode ser esquecida.

B) TEMPO: O tempo da narrativa é cronológico e a narrativa linear, transcorrendo no período entre o namoro de Luísa, a morte da mãe, o abandono pelo namorado, estendendo-se pelos dois anos de seu casamento com Jorge, até a viagem e volta desse. A ação passa-se no final do século XIX.

C) ESPAÇO: O espaço é Lisboa.

D) PERSONAGENS:

1) LUÍSA: É casada com Jorge. Mulher ociosa, que desde a adolescência passa o tempo lendo romances água-com-açúcar do Romantismo e a coluna social dos jornais. Sonhadora, deixa-se conduzir ao adultério, mais tocada pela curiosidade do que por qualquer sentimento. É jovem, loira e tem olhos castanhos. Representa na obra a futilidade e a ociosidade.

2) JORGE: Indivíduo equilibrado, financeiramente tranqüilo, graças não apenas ao seu salário como Engenheiro de Minas do Ministério das Obras Públicas, mas também pelos rendimentos obtidos com letras e aplicações. Dos pais herdou rendas e o sobrado onde vive com a esposa, Luísa. Jorge sempre manteve uma vida regrada, desde o tempo de estudante, não sendo dado a paixões ou a farras com os colegas. Por suas preferências literárias, pode ser considerado mais reacionário do que progressista. Seu comportamento sofre mudanças, pelo menos no que diz respeito à sua visão do adultério, já que no início acreditava que devesse ser punido com a morte da adúltera, mas no final perdoo a esposa.

3) BASÍLIO: É um sujeito rico e bonitão, o que parece torná-lo arrogante, cínico e conquistador. Primo de Luísa, de quem foi namorado na juventude. O relacionamento foi interrompido porque dificuldades financeiras obrigaram o rapaz a vir para o Brasil negociar com a borracha. Refeita a fortuna, passou a viver em Paris. Além da boa aparência, veste-se no rigor da moda, o que faz dele um janota.

4) JULIANA: Empregada em casa de Jorge e Luísa, trabalhou antes para uma tia do patrão até a morte da mesma, mas não obteve qualquer citação na herança, o que parece ter feito dela uma mulher traumatizada e cheia de ódio contra os patrões. Em sua revolta contra a condição de empregada, não há qualquer sentimento de solidariedade de classe, mas apenas o desejo de resolver a própria condição econômica. Juliana é a criada de dentro, ou seja, cuida da arrumação da casa, serve a mesa, lava as roupas e retira as águas do banho. Está sempre atenta para aproveitar-se de qualquer erro de Luísa para arrancar desta, através da chantagem, algum benefício econômico o que, aliás, acaba ocorrendo. Machado de Assis, em artigo escrito para a revista O Cruzeiro, viu nela a personagem mais bem acabada do romance O Primo Basílio. Aliás, a única capaz de mudanças de atitudes de acordo com as circunstâncias, já que as demais configuram tipos sociais, Juliana é magra, solteirona, virgem e feia, o que a levou a ganhar vários apelidos: "tripa velha", "isca seca", "saca rolhas", "fava torrada". Costuma admirar a beleza dos próprios pés, o que a leva a comprar sempre botinhas com seu salário.

5) SEBASTIAO: Única personagem realmente boa no romance é amigo de Jorge desde os tempos de escola. Sua sinceridade, honestidade e modéstia destoam das demais personagens, fazendo dele um tipo conservador e urna exceção geral dentro da obra. Indivíduo financeiramente realizado traja-se, entretanto com modéstia, chegando mesmo a andar sempre fora da moda, o que leva Basílio a criticá-lo.

6) CONSELHEIRO ACÁCIO: Sua figura representa a falsidade e a hipocrisia social, fazendo-se passar por alguém que realmente não é. Sua falsa moralidade é apenas uma couraça social, já que mantém um relacionamento com a própria empregada. Emprega sempre uma linguagem formal e superficial, arrogando-se sempre uma cultura e uma influência social que não possui.

7) JULIÃO: É médico, mas pobre, chegando mesmo a usar botinas furadas e roupas surradas. É parente afastado de Jorge, o que faz dele um dos freqüentadores da casa. Costuma dizer-se socialista, mas tudo o que pretende não é reformar a sociedade e o governo, mas arranjar um emprego público. Como Juliana, não possui consciência de classe, mas um desejo individualista de arranjar-se financeiramente.

8) DONA FELICIDADE: Mulher de boa posição social e econômica beata gorducha, cheia de gases, já passada da idade de casar-se, mas que sonhava em contrair núpcias. Foi noiva de um oficial de lanceiros na mocidade, mas que acabou morrendo. Apaixonou-se secretamente por um rapaz padeiro da vizinhança, mas que acabou casando com outra. Arrumou um cachorro para companhia. o Bilro, mas este acabou sendo morto por vingança de uma empregada despedida. Ela mandou empalhar o animal e colocou-o na sala. É apaixonada pelo Conselheiro Acácio, sentindo-se, extremamente atraída pela calva do velho. Ao descobrir que o mesmo era amante da empregada, entrou para o convento.

9) ERNESTINHO LEDESMA: Primo de Jorge representa a Literatura medíocre. Escreveu um drama romântico, cujo final acaba sendo mudado pelo diretor da peça. Sem dúvida, seu sobrenome é uma ironia do autor.

10) LEOPOLDINA: Amiga íntima de Luísa. Foram vizinhas e estudaram na mesma escola. Era filha do Visconde de Quebrais, homem devasso e caquético. Fizera um casamento infeliz com João Noronha. Era chamada de a "Quebrais" e a "Pão e Queijo". Tinha uma vida imoral, com amantes e vícios. Tinha vinte e sete anos. Seus olhos eram bonitos e negros.

ESTIO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

O Realismo e o Naturalismo são dois estilos da segunda metade do século XIX, que reagem contra as idealizações românticas, buscando a verdade contemporânea. Na prosa literária portuguesa. O Realismo e o Naturalismo não se separam nitidamente, o que ocasiona passagens naturalistas em obras consideradas realistas, pelo menos para efeito de classificação. Na verdade, os dois estilos apresentam as mesmas características, diferenciando-se na aplicação das mesmas. Em Portugal, a prosa realista recebe também forte influência dos romances naturalistas, estes mais voltados a uma interpretação mais mecanicista, racionalista e científica do mundo social. Ao contrário dos autores realistas, os autores naturalistas voltam-se aos aspectos mais sórdidos do homem e da sociedade, valorizando os temas mais grosseiros e vendo o destino humano marcado por influências não apenas sociais, mas também biológicas. Um bom exemplo disso pode ser encontrado na passagem em que Luísa e Basílio encontram-se no "Paraíso", e Basílio leva consigo um verdadeiro piquenique. Os amantes dão-se bocadinhos de comida na boca, bebem champanhe um pela boca do outro e terminam numa ação sexual fora da normalidade, pelo menos para Luísa. Ou ainda no ato de carregar as águas do banho, que reúnem também os dejetos dos urinóis dos donos da casa. Também a temática da sexualidade exacerbada e doentia, é outra herança naturalista, daí o triste destino de D. Felicidade, cujos desejos doentios pelo Conselheiro Acácio terminam por conduzi-la a um final ridículo. O destino de Luísa, ainda mais trágico, resulta também de sua curiosidade mórbida por paixões impetuosas, que nem mesmo a aparente tranqüilidade e felicidade de seu casamento com Jorge são capazes de preencher (saciar?). Dessa forma, os romances de Eça de Queirós podem ser considerados realistas-naturalistas.

VIDA E OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS

Nascido em 1845, em Póvoa do Varzim, e morto em 1900, em Paris, José Maria Eça de Queirós formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra e participou ativamente do processo de criação do Realismo português.

Além de suas obras programáticas sobre o novo estilo, como "Prosas Bárbaras", fez parte do grupo "O Cenáculo" (1869) e foi um dos membros responsáveis pelas "Conferências do Cassino Lisbonense" (1871). Em Leiria, onde trabalhou como administrador do Conselho preparando-se para a carreira diplomática, escreveu "O Crime do Padre Amaro", obra que inaugura oficialmente o Realismo-Naturalista em Portugal.

Em 1873, tomou-se cônsul em Havana. Do ano seguinte até 1878 viveu em Bristol (Inglaterra) e posteriormente mudou-se para Paris, conforme sempre sonhara. Lá se casou, dedicou-se com grande intensidade à literatura e permaneceu até sua morte.

Considerado um dos maiores prosadores em língua portuguesa, Eça de Queirós é o criador de uma vasta produção, que pode ser dividida em três fases.

À primeira – em que realiza uma literatura impregnada de romantismo social, fortemente influenciada por Victor Hugo – pertencem "O Mistério da Estrada de Sintra", "As Farpas" e "Prosas Bárbaras".

A partir de "O Crime do Padre Amaro" (1875), inicia-se a segunda fase, caracterizada pela adesão ao Naturalismo, que conta com "O Primo Basílio" e "Os Maias", os três "romances de tese" do escritor.

A terceira fase da obra de Eça de Queirós abrange romances como "A Ilustre Casa de Ramires", "A Correspondência de Fradique Mendes" e "A Cidade e as Serras". Nela, a crítica cáustica do Realismo-naturalista deixa espaço para a meditação filosófica e esperançosa em valores humanos e espirituais.